



4175 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT02 - História da Educação

OS MANUAIS DE ECONOMIA DOMÉSTICA: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO COTIDIANO ESCOLAR EM BANANEIRAS/PB
Wanderléia Farias Santos - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Kedna Karla Ferreira da Silva Macau - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

OS MANUAIS DE ECONOMIA DOMÉSTICA: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO COTIDIANO ESCOLAR EM BANANEIRAS/PB

RESUMO: A temática abordada neste esboço, é parte do resultado de uma pesquisa de Doutorado em Educação, que analisa o Curso de Economia Doméstica em Bananeiras/PB, como local de uma educação moderna/conservadora (1955-1959). Aqui, tomamos como objeto de estudo, os manuais de economia doméstica utilizados no Curso. Apoiados nos estudos teóricos de Chartier (1991) e Certeau (1994), buscamos compreender como se davam as representações e práticas do cotidiano escolar do curso, influenciando uma geração de mulheres da década de 1950, na então cidade de Bananeiras/PB.

Palavras-chave: Manuais. Economia Doméstica. Representações.

OS MANUAIS DE ECONOMIA DOMÉSTICA: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO COTIDIANO ESCOLAR EM BANANEIRAS/PB

RESUMO: A temática abordada neste esboço, é parte do resultado de uma pesquisa de Doutorado em Educação, que analisa o Curso de Economia Doméstica em Bananeiras/PB, como local de uma educação moderna/conservadora (1955-1959). Aqui, tomamos como objeto de estudo, os manuais de economia doméstica utilizados no Curso. Apoiados nos estudos teóricos de Chartier (1991) e Certeau (1994), buscamos compreender como se davam as representações e práticas do cotidiano escolar do curso, influenciando uma geração de mulheres da década de 1950, na então cidade de Bananeiras/PB.

Palavras-chave: Manuais. Economia Doméstica. Representações.

INTRODUÇÃO

O Curso de Economia Doméstica no Brasil e, especificamente, em Bananeiras-PB (local da pesquisa), foi criado para promover uma educação na qual o papel atribuído à mulher, a exemplo de mantenedora da ordem do lar, continuava a ser reforçado. Além disso, propagava o discurso de uma educação profissionalizante que daria subsídios para a mulher ser independente, uma vez que passaria a produzir trabalhos manuais para serem comercializados, mas sem se afastar do seio familiar e das lides domésticas.

E, foi nesse sentido que me inquietei a investigar sobre a educação da mulher nessa tríade, e, especificamente sobre as representações do cotidiano escolar do Curso de Economia Doméstica em Bananeiras/PB, advogando a Tese de que o Curso era um espaço de educação moderna/conservadora. Moderna, porque o país passava por um processo de industrialização e as mulheres (da classe trabalhadora) estavam tendo mais acesso à educação formal e escolarizada. E, conservadora, porque apesar de a sociedade brasileira estar em processo de industrialização/desenvolvimento/modernização, a educação oferecida à mulher não era voltada para a emancipação social da mesma, havia a intenção de não afastá-la do ambiente doméstico, além de instruí-la a propagar essa ideia através dos Cursos de Economia Doméstica e da cultura escolar do mesmo.

Assim, através dos manuais de economia doméstica utilizados na década de 1950 no referido curso, partimos da reflexão de que os mesmos reproduziam em seus conteúdos um discurso ilusório de abertura de espaço público para a mulher, mas ao mesmo tempo, propagava uma educação baseada nos princípios de base familiar, voltada para os valores morais, de disciplina e de controle, o que compreendemos como uma modernidade camuflada, “[...] que impede a liberdade dos sujeitos e que os mesmos ganhem espaço, ficando estes subordinados a contextos que, de fato, possibilitem uma mudança de vida” (DOMINGUES, 2002, p. 14).

DESENVOLVIMENTO

O campo da Nova História Cultural - NHC possibilita as discussões deste estudo, uma vez que o objeto só foi plausível de investigação devido ao movimento da *Terceira Geração dos Annales*, o qual abriu caminhos para se trabalhar com novas abordagens, novos objetos e novos problemas, tendo em vista que “[...] o historiador dos *Annales* abordou a história com um “novo olhar” (REIS, 2000, p. 15, grifo do autor). Assim, a relevância do nosso objeto se dá na reconstituição das histórias deixadas à margem da sociedade, a exemplo da educação das mulheres no Curso de Economia em Bananeiras/PB, ressignificando o cotidiano escolar, a partir das representações das práticas reproduzidas nos manuais de instrução, “[...] permitindo que as experiências concretas, individuais ou locais, reingresssem na história” (BURKE, 2005, p. 61).

Em meados do século XX aqui no Brasil, a educação feminina passa por algumas reformulações com a inserção de disciplinas com conteúdo específicos voltados para a educação doméstica, que passam a fazer parte oficial do currículo. Essas mudanças trouxeram

consigno a criação de leis e decretos que habilitavam as mulheres a exercerem “formalmente” suas funções no lar. Esses currículos e programas contemplavam disciplinas como “Economia Doméstica e Culinária, Etiqueta, Desenho Artístico, Puericultura, Trabalhos Manuais, e assim por diante” (ALMEIDA, 1998, p. 35).

O estudo parte da análise de três manuais de economia doméstica: Noções de Economia Doméstica, de autoria de Isabel de Almeida Serrano (1958); Curso de Economia Doméstica, de Helen H. Laitem e Frances S. Miller (1953), traduzido por Perpétua M. A. de Lemos Gilda Marinho e Aurora Rosa, publicado pela Editora Globo, em Porto Alegre e Economia Doméstica, de Marina G. Sampaio de Souza (1952). Os manuais de Economia Doméstica representavam um mundo “imaginário”, pois ao mesmo tempo que faziam as mulheres acreditarem em sua emancipação (pois estavam frequentando escolas e fazendo parte do espaço público), propagava intencionalmente os padrões de uma sociedade patriarcal, que as mantinham ainda em um espaço privado (seus lares).

Dessa forma, os manuais de Economia Doméstica, interpretavam, construíam e representavam todo um universo escolar na cidade de Bananeiras, o que nos permitiu “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). Assim, a representação deve estar totalmente associada às práticas sociais. Destarte:

[...] Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1991, p. 176-177).

Dessa forma, criamos representações para explicar as relações sociais que permeiam o mundo ao nosso redor. As representações aparecem como cenário de práticas vividas (ou não) com o objetivo de convencer que as situações de fato ocorreram tal como se relata, construindo o mundo social que vivenciaram no passado. Assim, os manuais de Economia Doméstica utilizados no Curso em Bananeiras, traziam representações de um padrão de vida o qual efetivava a mulher no mundo do trabalho, mas ao mesmo tempo convencendo-a que esta atividade deveria estar atrelada às práticas domésticas, a fim de não corrompê-la do seu papel social de boa mãe, esposa e dona de casa. Nesse sentido, essas representações vistas dessa maneira são formuladas e prescritas de acordo com os interesses dos grupos que as estabelecem, os discursos estarão sempre de acordo com a classe social a qual pertence.

Ou seja, os discursos são intencionais, com estratégias e práticas que sobrepõe o fraco ao mais forte, visando convencer aquele das normas, condutas e morais, tidas como certas. Por isso, Chartier (1990) acredita que as representações sociais estão permeadas de relações de poder, “[...] compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 21).

Continuando os fios teóricos desse trabalho, Certeau (2008), nos auxilia a compreender o conceito *decotidiano*, uma vez que, nos manuais de Economia doméstica em Bananeiras, estão presente todas as *tramas* da vida escolar – seus modos de organização, suas contradições, suas lógicas, suas produções de sentidos, símbolos, rituais diários, é onde se desenvolve em suma sua *cultura escolar*. Sendo assim, estudar as práticas cotidianas é uma maneira de dar visibilidade às práticas invisíveis dos sujeitos que, consumiam de acordo com sua arte singular, habilidades e temporalidades distintas dos tempos e das estratégias.

Portanto, apropriamo-nos do conceito de *cotidiano* de De Certeau (2008), para em nossa narrativa, pensar/problematizar/investigar todas as questões do dia-a-dia no curso. Pesquisar, problematizar e ressignificar as tramas do cotidiano escolar torna-se importante na construção do nosso texto, pois investigar as práticas realizadas no Curso de Economia Doméstica significa atentar para as produções de sentido realizadas na vivência da escola em seu cotidiano. Implica em perceber quais eram as formas dos sujeitos realizarem suas práticas inventivas, estas que dão forma à *cultura escolar*, pois compreendemos que não somente os saberes pedagógicos e “oficiais” produzem cultura na escola, mas todas as formas de (re)organização, saberes e práticas ordinárias as quais configuram o tecido de toda a rede que concede forma à escola.

CONCLUSÃO

De acordo com Louro e Meyer (1993), o universo doméstico foi responsável por articular todo o processo educativo da mulher, pois foi através dele que começou a se pensar em uma educação feminina, mesmo que, com trabalhos manuais. Por isso, quando se fala em Curso de Economia Doméstica, há uma estreita relação deste com a educação/formação para o lar.

Ao manusearmos os manuais percebemos que não se tratam de produções brasileiras, em se tratando da materialidade do livro, mas tiveram traduções brasileiras, todas na década de 1950 e circulavam por todas as regiões do Brasil onde existia o curso de Economia Doméstica. Alguns manuais só mudavam a estética da capa, pois o seu conteúdo era o mesmo, esses manuais ainda hoje circulam em nosso país, uma vez que, localizamos por meio de pesquisa, a existência de alguns deles para a venda, em sites como o da Estante Virtual, por exemplo.

Porém, esses manuais tiveram forte influência aqui no Brasil. O que mais chama a atenção é a imprecisão que esses manuais traziam para a educação feminina da época, pois ao passo que a chamavam para participar do projeto de modernização do país, ao mesmo tempo estimulava a permanência da mulher nos espaços domésticos de âmbito privado, corroborando a tese de uma educação moderna/conservadora.

Os Manuais de Economia Doméstica, revelam as ambiguidades existentes nos mesmos, principalmente quando confrontados com as outras fontes disponíveis. A intenção de manter uma sociedade pautada na conservação da moral e bons costumes, mas ao mesmo tempo com um discurso que valoriza o que há de mais moderno na sociedade vigente: a mulher como consumista dos novos produtos industrializados, sobretudo eletrodomésticos, ao mesmo tempo que se “modernizava”, continuava na esfera privada da sociedade, como principal mantenedora do lar, são aspectos que se destacam na leitura das fontes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível - São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **O Mundo como Representação**. In: Revista Estudos Avançados, 1991.

DOMINGUES, José Maurício. **A Dialética da Modernização Conservadora e a Nova História do Brasil**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, n 3, 2002, pp. 459 a 482.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. **A escolarização do doméstico**: A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). Cad. Pesq., São Paulo, n. 87, p. 45-57, nov. 1993.